

## A ARTE JUNTA, CONSTRÓI E DESDOBRA-SE

ART BRINGS TOGETHER, BUILDS, AND UNFOLDS

L'ART REJOINT, CONSTRUIT ET DÉPLOIE

EL ARTE UNE, CONSTRUYE Y DESPLIEGA

### Paula Guerra

Universidade do Porto, Faculdade de Letras e Instituto de Sociologia, CITCEM, CEGOT, Dinâmia'CET, Griffith Centre for Cultural Research, Porto, Portugal

### Lígia Dabul

Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Rio de Janeiro, Brasil

Não é de agora que a arte transborda e opera mudanças significativas onde ela ainda não se encontrava. O que talvez marque a especificidade do que hoje assistimos é o fato de que mais correntemente a arte se define por efetuar de maneira incessante novas ocupações e reinvenções do espaço público e de subjetividades, de territórios e de dimensões da vida, e novas mesclas de linguagens até então fixadas em fazeres, sensibilidades e temas apartados. Com ritmos e velocidades variáveis, essas extensões da arte minam e sempre resultam em redefinições, às vezes dos seus terrenos, às vezes de finos horizontes que a separam do resto da vida. São como expansões e retrações por meio das quais cumpre com a vida o imperativo mutuamente constitutivo de fazer parte dela.

Não necessariamente os atores sociais que criam essas junções – e as respectivas atualizações de espaços – atuam de maneira deliberada. Mas essas extensões não raro carregam os vetores da transformação (Sant'Anna et al., 2017; Dabul & Bueno, 2016), da ruptura (Heinich, 2014; Grunvald, 2019; Guerra, 2022a) e da democratização (Di Giovanni, 2015; Guerra, 2019) do mundo onde incide, induzindo ou arrebatando mesmo a arte para formas ainda não estabelecidas de conceber a vida e de se conceber nela.

Mesmo a arte contemporânea, que se entende possuindo fronteiras imprecisas e mutantes (Heinich & Shapiro, 2013; Zolberg, 2009), mesmo ela, para além de suas propositais aberturas para novas presenças no mundo, não tem como se refratar da ocupação gestada em seu próprio espaço. Parte dos desdobramentos da arte podem ser compreendidos mais exatamente – ou eles se explicitam de modo mais contundente – quando o sistema da arte é ocupado por modalidades artísticas que operam entremeadas por afirmações de identidades sociais mobilizadas e quase sempre subversivas (Mombaça, 2020; Neto & Vergara, 2019; Esbell, 2021).

A subversão, tornada uma nova forma de conscientização pragmática, é o que opera a produção de identidades e práticas de reconfiguração comunitárias (Guerra, 2022b), dito de outra maneira, as dissidências são núcleos tanto de enfrentamento quanto de escape, territórios nos quais se germinam possibilidades outras, onde simultaneamente se confrontam as normas e se consolidam as infiltrações para sua mudança. Pensar os transbordamentos nesse sentido, é pensar também a própria ampliação no fazer científico de modo que este possa acomodar os processos de sofisticação dos fenômenos culturais e a cartografia dos trânsitos que perfazem essas passagens epistêmicas (Guerra, 2023).

**Figura 1: Bloco Queer na comemoração do 25 de Abril em Lisboa, em 2012**

Fonte: Jornal Mapa | Texto de Fernando André Rosa & Miguel Carmo.

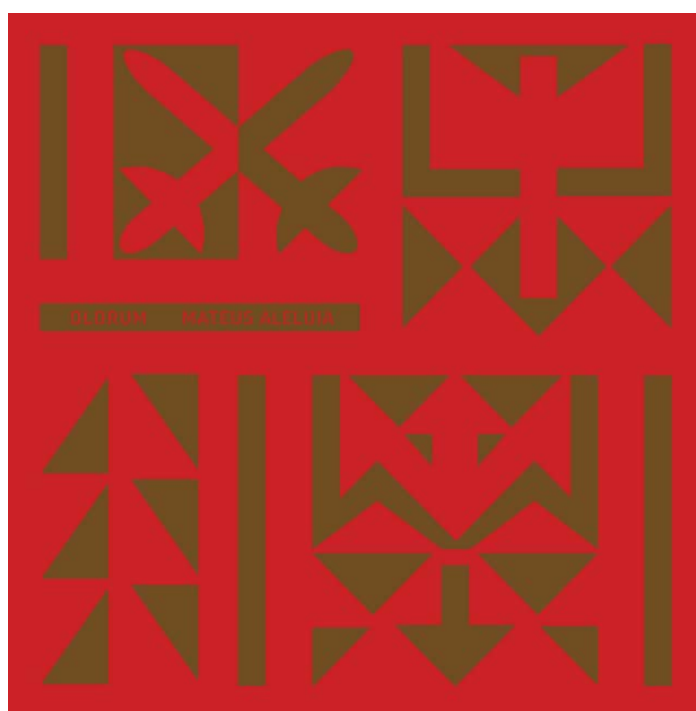


Na leitura dos artigos que compõem esse novo número da *Todas as Artes. Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, deparamos com pesquisas, ideias e uma série de pistas que, dentre tantas contribuições, nos conduzem para reconfigurações e expansões da arte em novas situações. Clecius Campos Corrêa e Maria Lucia Bueno, no artigo *Arte e modernização na imprensa carioca nos anos 1960: a moda nas páginas do Correio da Manhã e do Jornal do Brasil*, descrevem como, em um contexto de mudança política e cultural, redefinições de setores como a imprensa e o jornalismo cultural se conjugam com o processo que possibilita que a moda se junte a outras linguagens, como a arte. Dentre outros procedimentos, focam na trajetória de Olly Reinheimer e suas conexões com transformações da arte dos anos 1960, também por meio de seus agentes e instituições. Trazem com isso base sociológica e histórica para que, por exemplo, o *artista-etc* (Basbaum, 2013) possa ser desnaturalizado como tipo social (Becker, 1982) do mundo da arte contemporânea.

Em *A crítica de rock repaginada e despaginada: da autoridade do jornalismo cultural à plataforma e performance de gosto*, Thiago Pereira Alberto e Jonas Pilz também refletem sobre processo de mutação com extensão da arte – no caso o rock – descrevendo como a prática de críticos de rock passa do exercício do arbítrio cultural para o de performadores do gosto. Na análise das transformações sociotécnicas do jornalismo cultural onde a crítica roqueira estava estabelecida, demonstram como uma *crítica rock* se afirmou frente à *crítica sobre rock*, e como o crítico pode atuar como artista. Comprovando a relevância dessa nova configuração de críticos e

da crítica do rock desvinculados dos grandes meios de comunicação e da formação acadêmica, os autores apostam na crítica do rock como partilha.

No artigo seguinte, designado de *A música eletrônica ambiental: Da profundidade sonora aos imaginários da mente I*, Frederico Dinis nos permite entender o modo como a arte constitui novas sensibilidades. Em histórico pormenorizado de sonoridades, propostas e reflexões teóricas relativas à complexa música eletrônica ambiental, demonstra como ela se relaciona – ou se configura - com seu contexto, criando espaços para o pensamento. Descreve a fusão música/pensamento e a produção musical de novas formas de conceber do mundo em que vivemos: para além da criação de algo a ser observado, uma música eletrônica se incorpora ao ambiente que a permite existir.



**Figura 2: Capa de “Olorum”, álbum de Mateus Aleluia**  
Fonte: Música Instantânea.

Em *Aleluia, Mateus Aleluia: um recorte sobre sua obra*, a abordagem que Yatan Alves faz da trajetória e do trabalho musical de Mateus Aleluia nos leva à análise do deslocamento de signos em meio a uma *terceira diáspora* que o músico baiano experimenta ao “voltar” para Angola, onde passa a viver. Tomando como chave sua profunda vivência religiosa de matriz afro-brasileira, é na mobilização musical desse universo identitário que a atuação artística e a criação musical de Mateus Aleluia podem ser compreendidas. A expansão para a África, já em momento solo de sua carreira iniciada no trio Os Tingoões, condiz com esses vetores que ultrapassam, constituindo, a singular e contundente arte que Mateus Aleluia inventa.

A pesquisadora Vanessa Beatriz Bortulucce também trata de mutações e afirmações artísticas perpassadas por concepções religiosas do mundo. No artigo justamente intitulado *Vida e morte nas pinturas de natureza-morta do século XVII holandeses* encontraremos reveladora análise de atravessamento do discurso artístico pelo discurso religioso durante o processo de especificação e disseminação de uma estética. Com o exame de diversas naturezas-mortas o artigo demonstra

como a ideia de fugacidade da vida, e de permanência da arte, marcou um gênero de pintura que já possuía uma história mas se desdobrou, como no caso da obra de Vermeer, para outros gêneros, atualizando de diferentes maneiras e comunicando essa nova sensibilidade.

Em *Uma estátua para o Conde de S. Bento*, artigo do historiador Nuno Olaió, vamos encontrar a apresentação do estudo da construção de uma estátua, do debate a seu respeito e da sua fixação em espaço público, em 1822, em Santo Tirso, Portugal - uma homenagem a benemérito brasileiro de torna-viagem. Para além da apresentação da mobilização de instituições no Brasil e em Portugal e de ricos registros sobre esse processo que viabilizou a estátua, o artigo consiste em bem-sucedida demonstração do quanto o significado da escultura documentava tanto as qualidades da figura objeto de deferência local como traços e valores cruciais da sociedade liberal.

Quase fechando o presente número da revista, Paulo de Oliveira Rodrigues Júnior traz o registro de sua pesquisa *Serving Face: Fashion, music and transatlantic crossing scenes Brazil-Portugal (2018-2022)*, que trata da relevância da migração brasileira LGBTQIAPN+ para Portugal, preocupando-se com a repercussão dessa presença na promoção de discursos políticos, estéticas e éticas fora de uma perspectiva colonial. Finalmente, Sofia Sousa apresenta-nos a recensão crítica do livro *New Dynamics in Female Migration and Integration* [Novas Dinâmicas da Migração Feminina e Integração] editado em 2015 por Christiane Timmerman, Marco Martiniello, Andrea Rea e Johan Wets.

Com um escopo visivelmente extenso de objetos – da imprensa cultural à pintura flamenca, das paisagens sonoras à estatuária urbana – tratados a partir de abordagens e perspectivas igualmente imaginativas (a história social, a sociologia, a sócio antropologia, etc.), este volume da *Todas as Artes* visa desvelar a complexidade dos estudos culturais hoje e propor pistas acerca das muitas possibilidades investigativas nesse campo (Guerra, 2021a, 2021b). Um convite para se navegar os espaços onde a arte constrói, se desdobra e transforma a realidade social, esta edição é também um chamado a produção de uma ciência mais humana, ampla e colaborativa.

Porto e Rio de Janeiro, dezembro de 2022.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Basbaum, Ricardo (2013). *Manual do artista-etc*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue.
- Becker, Howard S. (1982). *Art worlds*. Berkeley: University of California Press.
- Dabul, Lígia & Bueno, Maria Lúcia (2016) Arte, mundo, uma vírgula. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens*. UFJF. 1(2), 195-200.
- Foucault, Michel. (2012). *A arqueologia do saber*. São Paulo: Forense Universitária.
- Di Giovanni, Julia. (2015) Artes de abrir espaço. Apontamentos para a análise de práticas em trânsito entre arte e ativismo. *Cadernos de Arte e Antropologia*. 4(2), 13-27.
- Eshell, Jaider. (2021). Na sociedade indígena, todos são artistas. *Arte & Ensaios*. Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ. 27(41), 14-48.
- Guerra, Paula (2023). Sul, Sertão e Flores: uma propedêutica necessária para compreender as manifestações artísticas contemporâneas do Sul Global. *Anos 90*, vol. 29, 1-15, DOI: 10.22456/1983-201X.120373.
- Guerra, Paula. (2022a). Barulho! Vamos deixar cantar o Fado Bicha. *Cidadania, Resistência e Política na música popular contemporânea*. *Revista de Antropologia*, 65(2), 1-26, DOI: 10.11606/1678-9857.ra.2022.197977
- Guerra, Paula (2022b). From the Borders and Edges: Youth cultures, arts, urban areas and crime prevention. In: Saraiva, Miguel (Ed.). *Urban crime prevention. Multi-disciplinary approaches* (pp. 75-91). London: Springer.
- Guerra, Paula (2021a). O passado desapareceu e o presente é aqui e agora. Prolegômenos das culturas artísticas juvenis no Portugal contemporâneo. In Pereira, Simone Luci; Neves, Thiago Tavares das & Budag, Fernanda Elouise (Orgs.). *Comunicação e culturas urbanas. Temas, debates e perspectivas* (pp. 167-188). São Paulo: INTERCOM.
- Guerra, Paula (2021b). So Close Yet So Far: DIY Cultures in Portugal and Brazil. *Cultural Trends*, 30(2), 122-138.

- Guerra, Paula (2019). Nothing is forever: um ensaio sobre as artes urbanas de Miguel Januário±MaisMenos±. *Horizontes Antropológicos*, 28(55), 19-49.
- Grunvald, Vitor. (2019) Lâmpadas, corpos e cidades: reflexões acadêmico-ativistas sobre arte, dissidência e a ocupação do espaço público. *Horizontes Antropológicos*, 55, 263-290.
- Heinich, Nathalie. (2014). Práticas da arte contemporânea: Uma Abordagem pragmática a um novo paradigma artístico. *Sociologia & Antropologia*, 4(2), 373-387.
- Heinich, Nathalie & Shapiro, Roberta. (2013). Quando há artificialização? *Revista Sociedade e Estado*, 28(1), 14-28.
- Mombaça, Jota. (2020) A plantação cognitiva. *MASP Afterall - Arte e Descolonização*. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo.
- Neto, Ernesto & Vergara, Luiz Guilherme (2019) O olho atrapalha. (Conversa de Ernesto Neto com Luiz Guilherme Vergara). *Poiésis, Niterói*. 20(33), 107-120.
- Sant'Anna, Sabrina; Marcondes, Guilherme & Miranda, Ana (2017). Arte e Política: A consolidação da arte como agente na esfera pública. *Sociologia e Antropologia*. 7(3), 825-849.
- Zolberg, Vera. (2009). Incerteza estética como novo cânone: os obstáculos e as oportunidades para a teoria em arte. *Ciências Humanas e Sociais em Revista*, 31(1), 25-40.

**Paula Guerra.** Doutora em sociologia. Professora de sociologia da Faculdade de Letras e investigadora do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Professora adjunta no Griffith Center for Social and Cultural Studies na Austrália. Investigadora colaboradora no Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», no Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território e no DINÂMIA'CET-IUL - Centre for Socioeconomic Change and Territorial Studies, Portugal. Co-fundadora e editora-chefe (com Andy Bennett) do Journal da SAGE: *DIY, Alternative Culture & Society*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, Portugal. E-mail: pguerra@letras.up.pt. ORCID: 0000-0003-2377-8045.

**Lígia Dabul.** Doutora em sociologia. Professora colaboradora dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Nectar/UFF – Núcleo de Estudos Cidadania, Trabalho e Arte da Universidade Federal Fluminense. Poeta. Universidade Federal Fluminense, R. Miguel de Frias, 9 - Icaraí, Niterói - RJ, 24220-900, Brasil. E-mail: ligia.dabul@gmail.com. ORCID: 0000-0002-6224-9720.

#### Citação:

Guerra, Paula & Dabul, Lígia (2022). A arte junta, constrói e desdobra-se. *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 5(3), pp. 4-9. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav5n3ap